

MULHERES, LAZER E FAMÍLIA: ATRAVESSAMENTOS¹

Cláudia Regina Bonalume,

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Perseguindo o objetivo de mapear atravessamentos na relação entre mulheres, lazer e família, a partir de uma pesquisa com movimentos sociais brasileiros de mulheres, realizei um estudo bibliográfico, com análise documental e entrevistas. Os resultados apontaram para aspectos macro e micropolíticos que colocam o lazer das mulheres em vínculo estreito com a família o que pode representar uma barreira que comprometem a ideia do lazer como um direito pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres; lazer; família.

INTRODUÇÃO

Este resumo expandido é uma pequena parte da pesquisa empreendida no doutorado em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cujo objetivo foi cartografar os territórios que compõem possíveis relações entre mulheres e lazer, na pauta de Movimentos Sociais brasileiros que defendem direitos das mulheres.

Para dar conta do objetivo foram selecionados seis Movimentos Sociais atuantes no Brasil, sendo três deles específicos de mulheres, quais sejam: a Marcha Mundial das Mulheres (MMM), a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) e a União Brasileira de Mulheres (UBM), além das seguintes organizações de caráter sindical, associativo e de classe, com parte de suas estruturas e ações focadas nas mulheres: a Confederação Nacional dos Trabalhadores e das Trabalhadoras na Agricultura (CONTAG), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Com autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG, a metodologia compreendeu pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevista semiestruturada com uma liderança de cada um dos movimentos. Por questões éticas utilizei pseudônimos escolhidos pelas entrevistadas².

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² As representantes foram assim nominadas: AMB - Flora; MMM - Dora; UBM Loreta; CUT - Margarida; CONTAG - Margarida do Campo; UNE - Helenira.

Como resultado, a tese defendida foi organizada em cinco partes que remetem a um encontro de negociação, evento comum para os Movimentos Sociais: rodada de apresentações; reflexões sobre a conjuntura; ordem do dia; carta do encontro: manifesto por um lazer feminista; e avaliando o encontro. Vou abordar aqui uma parte da “Ordem do dia”, onde estabeleço conexões entre os achados que falam do lazer no dia a dia das mulheres, com o objetivo de mapear atravessamentos na relação entre mulheres, lazer e família. A fala geradora desta temática foi da entrevistada Dora e mencionou a dificuldade das mulheres de se virem enquanto sujeitas de direitos para si mesmas

“ATÉ O LAZER ELAS ENXERGAM ASSOCIADO À FAMÍLIA” (DORA)

Na maternidade onde eu trabalho, o pessoal fez uma pesquisa com o conjunto dos trabalhadores e uma das perguntas era o que que as pessoas faziam de lazer. Fiquei muito impressionada com as respostas. 99% [noventa e nove por cento] das mulheres colocam o espaço de lazer com alguma coisa associada ao cuidado da família, entendeu? Passear com os meninos no parque, levar os meninos no parque, ir almoçar na casa da família, tudo associado com alguma coisa do cuidado. Elas não têm nenhum espaço, nada. As mulheres não enxergam lazer como os homens enxergam, como esse espaço de (pausa) isso de você praticar um esporte, você ir no cinema, sentar no boteco e beber, você ir passear em algum lugar que você gosta. As mulheres não enxergam o lazer como isso, entendeu? Até o lazer, elas enxergam associado à família (DORA).

Corroborando com a fala de Dora, Vicente (2018) ressalta que o lazer da mulher tende a ser absorvido pelo lazer familiar, podendo este ser ou não prazeroso para ela. O lazer para si é tratado como algo para depois que as(os) filhas(os) crescerem ou terem seus desejos e necessidades satisfeitos, ou seja, quando constituída a família reprodutiva, as mulheres tendem a experimentar uma queda significativa no acesso ao tempo livre e limitações para disporem de um espaço para o lazer, independentemente da situação laboral, Este fato pode ser constatado tanto para mulheres que estão no mercado de trabalho quanto para aquelas que estão no trabalho doméstico e/ou no trabalho de cuidados. Naturaliza-se o sacrifício de um tempo para si mesmas e/ou faz-se com que as mulheres vivam seu lazer por meio de

atividades compatíveis com os gostos e necessidades de seus(suas) filhos(as) e companheiros(as).

A introdução do eixo “Cultura, esporte, comunicação e mídia”, do III PNPM (BRASIL, 2013) aponta um entendimento que vai na mesma direção:

com relação ao direito ao lazer, associado ao tempo livre das obrigações sociais, as mulheres também vivenciam limitações significativas, em grande parte resultantes da influência da divisão sexual do trabalho. Para as mulheres, principais responsáveis pelo trabalho usualmente referido como reprodutivo, o lazer é visto como relacionado a atividades em família, ao lado das crianças e quase sempre restrito ao espaço doméstico, pouco ou nada se diferenciando da rotina. Aos homens, por outro lado, o lazer é relacionado a atividades destinadas à diversão e em locais públicos (BRASIL, 2013, p.75).

A pesquisa “Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres” (ÁVILA; FERREIRA, 2014), da SOS Corpo e do Data Popular, também identifica que a maior parte das menções ao lazer, por parte das mulheres, foi estimulada pelo(a) entrevistador(a) e se caracteriza por atividades com o envolvimento dos(as) filhos(as), diferentemente dos parceiros masculinos que mantém as atividades de lazer fora de casa e com amigos.

Dora continuou sua reflexão trazendo a interseccionalidade com a classe para a conexão: “as mulheres de classe média, da classe alta, têm mais tempo, assim, mas também acho que tem muito essa coisa, assim, de não ver o direito, vincula muito o lazer à família, mas tem mais acesso, sim, tem mais (pausa), enxerga mais, né?”

Tendo presente essa diversidade, Garcia (2015) identifica a mãe como figura-chave no desenvolvimento dos(as) filhos(as), em termos de lazer e cultura, inclusive por ser a principal responsável pela motivação e organização do que a figura paterna faz com as crianças no tempo livre.

Costa (2014) chama a atenção para o fato de que “o dilema de lidar com as exigências conflitantes do trabalho e da família, de conciliar o inconciliável e o milagre da multiplicação das horas, deveria deixar de ser um assunto exclusivamente feminino e privado” (p. 11). Se os homens, a sociedade e o Estado compartilhassem estas responsabilidades, as mulheres poderiam ver reduzida sua carga de preocupação, a qual, para Flora, Dora e Margarida interfere na vivência do lazer.



Dora relacionou-o à preocupação permanente com a dupla jornada e à falta de tempo.

As mulheres estão indo pro trabalho, mas elas estão pensando na lista do supermercado, elas estão pensando no cuidado, em tudo, todo intervalo, ela está pensando nesse processo do trabalho, do trabalho do cuidado [...] então, eu acho que essas coisas ilustram muito o que que é essa falta de tempo, o que é esse processo da dupla jornada, o que ele faz com a vida das mulheres (DORA).

Margarida também chamou a atenção para o aspecto cultural, enquanto construção de sentidos, presente na relação:

a nós é destinado cuidado dos dependentes e dos independentes [...]. Nós, mulheres, além de a gente viver no mundo produtivo, a gente faz o trabalho reprodutivo. Porque a gente não [se] acostumou, a gente faz o discurso, mas a prática mesmo, como a gente cria, né? Como você educa a sociedade. Eu acho que tá mudando, mas ainda, não (MARGARIDA).

Flora contextualizou e respondeu à própria questão relacionando a preocupação à ocupação, ao cuidado e à subjetividade.

As mulheres, quando vão para o lazer, elas já vão levando as crianças, né? Vai para praia, mas vai ali preocupada com as crianças que estão perto dela, então, o tempo de lazer, que parece lazer, porque tudo bem, você tá ali, pode tomar sua cervejinha, pode estar no sol, mas você está ocupada com as crianças, então, a preocupação é permanente na vida das mulheres. Então, é possível um lazer pleno com preocupação? Você pode até não estar ocupada e está, mas, além de tudo, você tá preocupada, então, a vida cotidiana das mulheres é ocupação e preocupação [...]. O que é preciso pra gente ser menos preocupada no dia a dia? É preciso muita coisa (FLORA).

Flora, Margarida e Dora falaram dos efeitos da pressão a que as mulheres são submetidas, seja em relação ao cuidado e à criação, seja em relação ao trabalho no mercado e, principalmente, na necessidade de conciliação dos dois. Perista (2002) afirma que, se temos assistido, nas últimas décadas, a uma progressiva e rápida aproximação dos padrões de participação de mulheres e homens no mercado de trabalho, o mesmo não se pode dizer, em termos equivalentes, da participação dos homens no trabalho doméstico e na prestação de cuidados à família. Com isto, o tempo para si das mulheres se esvai em atividades para outros. A autora aborda este dilema afirmando que as mulheres são confrontadas com tempos e temporalidades mais complexos, mais estruturados, mais fragmentados, múltiplos e sobreponíveis.



Ora, raramente sendo fácil para as mulheres corresponder plenamente a tais desempenhos (idealizados), respostas como esta parecem denunciar a existência de sentimentos de culpabilização por parte de (pelo menos) algumas mulheres, «divididas» entre as exigências do trabalho remunerado e as responsabilidades familiares, incapazes de, nem sequer ao nível da expressão do desejado, se «atreverem» a reivindicar um tempo para si próprias (PERISTA, 2002, p.471).

Compreendo que as transformações deste contexto esbarram na persistência das próprias dicotomias naturalizadas de “diferenças” de gênero, afincadas como estão na arraigada cultura da matriz heteronormativa, cultura a qual é discutida por Butler (2013). Sua “desconstrução”, no senso comum e nas práticas cotidianas, dependerá da extensão e da profundidade de mudanças culturais vivenciadas de diversas maneiras, nos mais variados lugares. Trata-se de processos lentos e confrontados por ideologias conservadoras de longa história.

Como ressalta Saffioti (2004), a socialização dos meios de produção e uma legislação não discriminatória são fundamentais para a elevação social da mulher, mas são insuficientes para levá-la à emancipação. A eliminação da mentalidade habituada a promover a inferiorização da mulher é o principal desafio.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Mapeando atravessamentos na relação entre mulheres, lazer e família, a partir de uma pesquisa com movimentos sociais brasileiros de mulheres, foi possível agregar elementos à complexa rede que se forma entre mulheres, trabalho remunerado, trabalho doméstico, cuidados com pessoas da família, tempo livre e lazer. A constituição de um núcleo familiar gera transformações nas experiências de lazer até então vividas pelas mulheres, uma vez que a própria família e a maternidade continuam sendo valores fundamentais na forma como as mulheres se veem e conduzem a fruição do parco tempo de lazer.

Trata-se de elementos da cultura que transversalizam as relações mulheres e lazer em uma rede de elementos heterogêneos que compõem essas relações e criam barreiras ao lazer das mulheres. Superá-las demanda, além da mudança das questões materiais que provocam dominações e desigualdades, a transformação cultural e aquela dos valores associadas a tais questões.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

WOMEN, LEISURE AND FAMILY: CROSSINGS

ABSTRACT

Pursuing the objective of mapping crossings in the relationship between women, leisure and family, from a research with Brazilian social movements of women, I carried out a bibliographic study, with documentary analysis and interviews. The results pointed to macro and micropolitical aspects that put women's leisure in close contact with the family, which can represent a barrier that compromises the idea of leisure as a personal right.

KEYWORDS: women; leisure; family.

MUJER, OCIO Y FAMILIA: CRUCES

RESUMEN

Persiguiendo el objetivo de mapear cruces en la relación mujer, ocio y familia, a partir de una investigación con movimientos sociales brasileños de mujeres, realicé un estudio bibliográfico, con análisis documental y entrevistas. Los resultados apuntan a aspectos macro y micropolíticos que ponen el ocio de las mujeres en estrecho contacto con la familia, lo que puede representar una barrera que compromete la idea del ocio como derecho personal.

PALABRAS CLAVE: mujeres; ocio; familia.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, M. B.; FERREIRA, V. (Org.). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia: Instituto Patrícia Galvão. Recife, 2014.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm. Acesso em 23 abr. 2020

BRASIL. **III Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, 2013. Disponível em: https://oig.cepal.org/sites/default/files/brasil_2013_pnpm.pdf. Acesso em: 28 jan. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.



COSTA, A. de O. Rotinas de mulher. *In*: ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (Org.) **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia: Instituto Patrícia Galvão. Recife, 2014.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. 3ª ed. São Paulo: Editora Claridade, 2015.

PERISTA, H. Gênero e trabalho não pago: o tempo das mulheres e o tempo dos homens. *Análise Social*, v. XXXVII, n. 163, p. 447-474, 2002.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

VICENTE, T. A. **As mulheres e seus tempos**: dupla jornada de trabalho, cuidado de si e lazer na promoção da saúde. 2018. 247 f. Tese (Doutorado em Medicina Preventiva) - Faculdade de Medicina da USP, São Paulo, 2018.